



RELIGIÃO, IDENTIDADE E SEXUALIDADE.

Drando. Daniel Ely Silva Barbosa

Universidade Federal de Pernambuco

historia1211@yahoo.com.br

Resumo: Cada vez mais as temáticas ligadas à relação entre religião e sexualidade, religião e política, religião e identidade, religião e alteridade, religião e moralidade são assuntos que vem sendo discutidos dentro dos ambientes religiosos, dentro da academia e pela sociedade brasileira de um modo geral, sobretudo nas redes sociais e em outros canais e meios presentes na internet. Cabendo informar que muitas lideranças cristãs têm não só refletido, mas também produzido uma teologia sobre o corpo e sobre a sexualidade por meio da elaboração de livros e da efetivação de palestras para os seus fiéis sobre estes temas. Apesar de não estar ligado institucionalmente ao catolicismo ou ao segmento evangélico Gustavo Magnani, em seu romance *Ovelha: memórias de um pastor gay*, narra à história de um pastor homossexual não assumido, diante da congregação, de sua família e da sociedade. Ao longo de toda a trama o personagem fica no dilema de contar ou de não contar para a sua congregação e para os seus familiares e amigos acerca de sua orientação sexual. Mas, durante o transcorrer da narrativa, Magnani discute, outras questões como: a relação do personagem com seus pais; o ambiente familiar de fiéis de igrejas pentecostais e neopentecostais; o modo como o personagem exercia o seu ofício de pastor; a relação entre religião, sexualidade e construção de identidade; e hermenêutica bíblica. Concordamos com os críticos literários que alegam que uma obra literária, apesar de possuir o seu aspecto ficcional, foi gestada com base em elementos da realidade, e reflete o contexto do autor que a escreveu. Noutras palavras, uma dada obra literária pode trazer como pano de fundo um dado contexto histórico. Em nosso trabalho utilizaremos o livro *Ovelha* para discutirmos questões mais amplas como a tolerância e a convivência com o outro, tendo por objetivo pensarmos a relação entre sexualidade e religião.

Palavras-chave: Religião, Identidade e Sexualidade.

Quais seriam os critérios para pensarmos a relação entre religião e sexualidade? E que fontes poderíamos utilizar para pensarmos estas questões? Com estas inquietações iniciamos a nossa escrita que tem por objetivo avaliar estes temas, tendo por fonte principal o livro *Ovelha*, escrito por Gustavo Magnani, e outros livros que abordam de forma direta ou indireta a temática, além de domínios virtuais presentes na internet que também fazem referência a discussão que propomos.

O livro *Ovelha: memórias de um pastor gay*, escrito por Gustavo Magnani, é um romance, uma obra ficcional que trata dos dois assuntos que têm causado polêmicas no Brasil nos últimos anos, que são: a religiosidade e a homoafetividade. Durante a trama o personagem vai narrando algumas aventuras, alguns dilemas e algumas inquietações que ele vive e sente. E em meio ao enredo Magnani vai abordando alguns pontos que consideramos periféricos, em

relação à temática central, mas que contemplam algumas questões que, a seu ver, se fazem presentes no meio evangélico pentecostal e neopentecostal (MAGNANI, 2015).

Antes de abordarmos o livro em si, tendo por base algumas entrevistas que Magnani concedeu, e que estão presentes em alguns canais do YouTube, falaremos sumariamente sobre o livro e em que contexto o autor escreveu o mesmo.

Em entrevista, no programa Em Foco, Magnani afirmou que o livro foi escrito de forma rápida, mas a ideia surgiu quando ele entrou para a igreja evangélica, a mais ou menos oito anos atrás. Informa que teve uma experiência que ele considera maravilhosa, que o fez se descobrir como pessoa. Ele, no entanto, começou a questionar algumas coisas que observava nas instituições religiosas. Alega que sempre foi e continua sendo amigo dos pastores da igreja. Fazia perguntas e questionava algumas coisas. A resposta era que ele era muito pequeno e depois iria entender estas questões.

Por não concordar com algumas práticas e alguns posicionamentos da denominação que fazia parte resolveu se afastar da igreja, mas, em entrevista, alega que continua sendo cristão, mas que se afastou da instituição religiosa. Passou muito tempo longe da instituição, e sem escrever sobre o assunto. O personagem passou então a aparecer em sua mente. Pensando o conflito entre ser um pastor e ser um homossexual não assumido. Quando foi a São Paulo uma agência lhe encomendou um piloto de uma série, um possível piloto para a televisão. Achou que o que seria de interesse abordar sobre religião e política, então tentou juntar estas duas histórias. Este roteiro se passava em Brasília, falava de um deputado ultraconservador, mas que vivenciava estes dilemas.

Informa que o personagem ovelha apareceu repentinamente. Então ele achou que este personagem merecia um livro. Então ele largou o roteiro para a TV, e escreveu umas 4000 palavras a mão e logo já tinha a primeira versão do livro praticamente pronta.

Tendo em vista as inquietações de Magnani vemos que o autor optou por temas que estão na ordem do dia, por isto entendemos que avaliar obras literárias que abordem estes assuntos se fazem necessárias, sobretudo para compreendermos melhor sobre estes assuntos, e sobre os grupos que estão associados a estas questões, a saber, as vertentes pentecostal e neopentecostal do segmento evangélico. De modo que correlacionaremos o livro com outras fontes que abordam o assunto.

A narrativa se inicia com o protagonista em um leito de um hospital. Ele sabe que é portador de HIV, acredita que sua morte está próxima, que está por um fio de vida e resolve deixar as suas memórias em um caderno. E neste caderno ele não mede palavras, antes conta tudo que gostaria de falar, e da forma que ele escolheu dizer. O próprio personagem afirma



que escreveu com certa agressividade sobre tudo que ele guardou dentro de si durante trinta anos. E ele faz isto através do livro contando suas memórias desde a infância, até o momento em que ele está internado no hospital (MAGNANI, 2015).

Em boa parte do livro sua fala é direcionada a Deus. Mas, o personagem também passa a intenção de que ele deseja que aquelas memórias chegassem ao conhecimento de seus familiares, amigos e da congregação.

É uma obra escrita em primeira pessoa, numa disposição não cronológica. Ao longo do texto ele vai fazendo flashbacks. Os capítulos são curtos e elaborados por temas. Nas várias entrevistas que Magnani concedeu, em sites da internet, o mesmo alegou que se baseou na obra Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis para escrever o livro. Uma vez que na obra de Machado de Assis o personagem já estaria morto, e não teria nenhum problema em contar o que desejasse e da forma que escolhesse. O mesmo ocorre com o personagem Ovelha da obra de Magnani. Também informa que fez referências ao personagem da obra Cem Anos de Solidão de Gabriel Garcia Márques.

Magnani realiza reescritas de trechos de livros da Bíblia ao longo de seu livro. Ele faz algumas paráfrases de vários versículos da Escritura Bíblica. Em alguns momentos são claras as suas referências aos livros de Jó, Jeremias, Cântico dos Cânticos e Levítico.

Em muitos momentos do livro Magnani gosta de contar detalhes dos lugares, dos objetos, dos corpos, das situações e das sensações que vivenciou. Ele narra várias particularidades de diálogos com outros personagens, e conta, com intensidade, particularidades das relações sexuais que teve com rapazes, moças, com a sua esposa, com a psicóloga. Em nossa opinião, os detalhes das relações com a sua esposa e com a psicóloga foram contados com muito mais intensidade.

Já no início do livro o personagem informa que nasceu e foi criado em uma igreja evangélica, na igreja Congregação cristã do Brasil, que é uma das várias denominações pentecostais do segmento evangélico. Antes de continuarmos com a discussão entendemos que se faz necessário fazer uma distinção entre os termos: evangélico, protestante, pentecostal e neopentecostal.

O termo protestante é geralmente utilizado para fazer referência aos grupos associados à Reforma Protestante no século XVI a exemplo dos luteranos, anglicanos, calvinistas, etc. Inicialmente o termo Reformado foi aplicado aos calvinistas e depois associado aos protestantes de um modo geral (DREHER Apud DIAS, 2013).

O pentecostalismo é geralmente considerado como um movimento urbano, interdenominacional e associado às classes pobres, especialmente entre os afro-americanos

dos EUA. Suas principais características seriam o emocionalismo, o ato de se falar em línguas (glossolalia), visões proféticas, curas e a preocupação com os ditos “usos e costumes” (ALENCAR Apud DIAS, 2013).

No Brasil este movimento tem início no começo do século XX com as denominações: Congregação Cristã do Brasil e Assembleia de Deus. É a chamada “primeira onda do pentecostalismo no Brasil”. Com o passar das décadas o pentecostalismo conquista especialmente as camadas populares. Fazem parte da “segunda onda do pentecostalismo” as igrejas do Evangelho Quadrangular (1953), O Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O principal mote desta segunda geração é a ênfase na “cura divina”. Já a terceira onda incluiria as igrejas: Comunidade Sara Nossa Terra (1976), a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus, 1977), Internacional da Graça (1980), Renascer em Cristo (1980), dentre muitas outras que os estudiosos incluem neste grupo. Para alguns pesquisadores a terceira onda é também chamada de neopentecostalismo. Muitas destas igrejas têm como principal característica um discurso triunfalista, com uma ênfase na propagação da ideia de que o “crente” pode e deve gozar de saúde perfeita e prosperidade financeira (RODRIGUES Apud LEONEL, 2012).

O termo evangélico, desde meados do século XVII, passou a ser cada vez mais utilizado para se fazer referência a todas as denominações (vertentes) do protestantismo histórico. A partir do século XX os pentecostais e neopentecostais também passam a ser considerados como evangélicos (DREHER Apud DIAS, 2013).

Feitas estas distinções cabe destacar que uma das características de boa parte das igrejas pentecostais seria a preocupação com os “usos e costumes” que mencionamos anteriormente. E em vários momentos de seu texto Magnani vai fazendo referências a estes “usos e costumes” que o personagem vivencia em seu ambiente familiar.

A maior parte das igrejas pentecostais desenvolvem uma proposta de santidade que se aproxima de um certo ascetismo, para estes ser santo seria deixar de fazer certas coisas que seriam “mundanas”, e, portanto, pecaminosas. Seria isolar-se do mundo, ser “separado do mundo”, não praticar determinados divertimentos, ou práticas que podem ser entendidas como vícios (MENDONÇA, 2008).

Muitos chegavam nestas igrejas pentecostais na busca por cura e soluções para os seus problemas. Nestas igrejas estes novos convertidos, apesar das várias restrições impostas aos fiéis, encontravam um ambiente acolhedor e familiar. Oliveira alega que a maior parte dos fiéis de igrejas pentecostais participa de alguma atividade em sua comunidade local. Quer seja na pregação, na direção do culto, nos corais, ou como cantores solistas, na recepção aos fiéis e



visitantes nas portas das igrejas durante os cultos, ou como professores nas classes de Escola Dominical, nos trabalhos evangelísticos, etc. o fiel pentecostal se sente ativo e participante em sua comunidade (OLIVEIRA, 2015).

E é neste meio pentecostal que está ambientada a trama. Em vários momentos do livro Magnani descreve cenas que remetem ao ambiente pentecostal de igrejas da denominação Congregação Cristã do Brasil.

Diferentemente do discurso das igrejas protestantes históricas que era, em muitos casos, de difícil compreensão para um público que teve pouca ou quase nenhuma formação escolar, a linguagem presente nos cultos das igrejas pentecostais era e ainda é bem mais próxima desta parcela da população. Sem contar o fato de que a liturgia de muitas destas igrejas permite ao fiel se expressar com sua linguagem, uma vez que seus cultos contam com momentos para que os participantes possam cantar hinos, recitar ou ler versículos da Bíblia, ou mesmo contar as “provações” (dificuldades) que estão vivenciando, ou mencionarem as “bênçãos” que receberam naquela semana. Certamente um espaço inclusivo e acolhedor para aqueles que se sentem atraídos por este modelo de comunidade eclesial.

Ao longo da narrativa o personagem vai detalhando imagens de seu lar e da comunidade religiosa em que está inserido. Em um dos momentos informa que só assistiu televisão na casa de um amigo, e quando já tinha doze anos de idade. Afirmou que em sua casa tudo era etéreo, espiritual, branco, sem vida, em silêncio e a espera do arrebatamento. Passagens que mostram, em grande medida, o modo como o autor representou textualmente o meio evangélico pentecostal em sua escrita (MAGNANI, 20015).

No capítulo “Mundo dos Evangélicos” Magnani, guardada a licença poética, apresenta de forma muito caricata o modo como os pentecostais pensam como seria um mundo ideal. Mesmo se levando em conta que se trata de uma obra literária.

Em um dos capítulos do livro o personagem comenta sobre as restrições que sua mãe tinha acerca das obras da literatura. A alegação da personagem seria de que estes livros conteriam trechos que não seriam espiritualmente edificantes para o seu filho. O nosso questionamento é: para uma personagem que tinha uma vida focada em função da igreja, e o próprio personagem principal alega que a literatura quase que exclusiva de sua mãe seria a Bíblia, como ela conhecia tantos detalhes presentes nestas obras literárias?

Outro ponto que percebemos é que em várias situações o personagem se pune por suas atitudes, por seus pensamentos, por suas omissões e por não enfrentar a sua mãe. Em diversos trechos o personagem se coloca diante do dilema de contar ou não contar sobre a sua homoafetividade para a sua mãe, e para os fiéis da igreja. Em um dos capítulos ele deixa



transparecer a ideia de que ele, diferente de seus irmãos, se sente incomodado por não ter a coragem de ter enfrentado a sua mãe. E que ela teria decidido a sua vida. Questões que remetem a discussões conceituais da psicanálise (MAGNANI, 20015).

Outra questão que também incomodava o personagem eram as atitudes do seu pai, que faleceu quando ele ainda era adolescente. O pai do personagem parecia não concordar muito com o ethos da igreja que sua esposa fazia parte. Tomava atitudes contraditórias, e que eram muito mais para agradar a esposa em alguns momentos de tensão em que viviam.

Mas, possivelmente, uma das questões que mais incomodava o personagem, mesmo que inconscientemente, era o fato de que a sua mãe tinha desejos sexuais. Em vários momentos o personagem deixa transparecer a ideia de que não gostava do fato de que seus pais tinham relações sexuais, e que a sua mãe gostava destas relações. Em alguns capítulos logo após a morte de seu pai, menciona a sua insatisfação toda vez que algum fiel da igreja se aproximava de sua mãe. Em uma situação específica ele descreve a sua tristeza quando vê a sua mãe conversar e sorrir com um homem dentro do carro do mesmo. Alega que se sentiu incomodado com aquela cena.

Também informa que foram raríssimos os momentos em que a sua mãe demonstrou ternura para com ele. Que se sentia incomodado pelo fato de sua mãe ter traçado o seu destino. Por ela ter decidido o que ele deveria ser pastor.

O personagem menciona que a sua mãe, possivelmente, sabia de sua orientação sexual. Que ela dava algumas indiretas. Ela fazia alguns comentários que davam a entender que ela sabia, mas que não aceitava. Fato que angustiava o personagem.

Muitas dos dilemas vivenciados pelo personagem e que mencionamos nos parágrafos anteriores podiam ser dilemas de um personagem que fosse heterossexual. O temor de enfrentar a mãe; a falta de coragem para dizer o que acredita aos seus amigos, aos familiares e aos fiéis da igreja; a sua inconformação com a dupla moralidade do pai; o fato de não gostar da ideia de que a sua mãe tinha desejos; os limites e restrições que viveu dentro do lar; e a falta de carinho da mãe para com ele podiam ser temas de qualquer outro personagem, e não apenas de um pastor diante do dilema de sua homoafetividade.

No último capítulo o personagem descreve o sermão que ele gostaria de ter feito para a comunidade eclesíastica em que pastoreou por muito tempo, mas que nunca teve coragem de ministrar. Neste momento Magnani, por meio do personagem, faz críticas a Escritura Bíblica por ela conter trechos não favoráveis à união entre pessoas do mesmo sexo (MAGNANI, 20015).



O personagem alega que não concorda com alguns dos posicionamentos presentes na Bíblia. A sua hipótese seria: e se Jesus tivesse falado favoravelmente em favor da união entre pessoas do mesmo sexo e as pessoas que escreveram o evangelho não tivessem escrito sobre este assunto?

A discussão acerca da sexualidade não é recente no meio cristão. Desde a década de 1970 algumas denominações evangélicas já tem colocado em pauta a questão entre igreja e a homoafetividade. Mais recentemente temos observado o fenômeno das chamadas igrejas inclusivas em que são aceitos como membros comungantes destas comunidades pessoas que são declaradamente homoafetivas (SOARES Apud SANTOS, 2013).

Apesar de ter afirmado que a sua escrita foi em alguns momentos agressiva, apesar de ter se considerado covarde, homofóbico, blasfemo, transgressor, uma vez que ele faz estas afirmações ao longo do texto, o personagem também pede perdão a quem ele possa ter magoado com suas atitudes, e demonstra amor e cuidado para com alguns com quem conviveu. Ele mesmo não se considerava um modelo, antes afirmava ser um pecador, um ser incompleto, um ser falho. Em vários trechos ele se mostrou humilde, arrependido de algumas de suas atitudes e carente de “graça de Deus” (MAGNANI, 20015).

O modo como o personagem descreve o amor que sentia pela esposa e pelos filhos; a consideração e a importância que tem para com o seu irmão; o desejo de levar a palavra de Deus para outras nações, respeitando o aspecto cultural de cada localidade; a sua preocupação de avaliar o modo como contaria o que sentia para seus familiares, amigos e fiéis; os vários momentos em que pregou, orou, orientou, acolheu, se preocupou e apascentou as ovelhas (fiéis) de sua igreja foram marcantes. Em diversos momentos o personagem demonstrou atenção, cuidado e amor para com o próximo.

Conclusões

Ao longo de nosso artigo buscamos avaliar o modo como Gustavo Magnani construiu a sua narrativa que tinha por fim debater as relações entre religião e sexualidade. Na trama o personagem fica no dilema de contar ou de não contar para a sua congregação e para os seus familiares acerca de sua orientação sexual. Mas, ao longo da escrita Magnani também debate sobre temas mais amplos como: identidade, moralidade e alteridade.

No decorrer de nossa análise também abordamos, sumariamente, sobre como o autor pensou literariamente o texto, sobre as referências que ele fez ao universo religioso pentecostal, mas, especialmente sobre os dilemas que o personagem vivenciava.



A nossa hipótese é de que para além de sua orientação sexual o personagem vivia outros dilemas e questões que poderiam ser parte da trama de um personagem que fosse heterossexual.

No Brasil temos vivido um cenário de acirramentos, de intolerâncias, de radicalizações. Existem grupos religiosos que são mais conservadores no modo como pensam determinados temas, ao passo que existem as chamadas “igrejas inclusivas”, em que são aceitos como membros comungantes destas comunidades pessoas que se declaram homoafetivas. Neste sentido, vivemos em um mundo mais plural.

É preciso destacar que, em termos de Brasil, estamos em um contexto em que a experiência religiosa é uma opção, e não uma condição para a inserção na sociedade. Não possuímos uma religião oficial do Estado. Apesar de existirem discursos que querem construir a ideia de que não vivemos em um Estado laico, precisamos reconhecer que tivemos avanços no sentido do respeito e da tolerância ao outro, pois certas atitudes já não são mais socialmente aceitas.

Acreditamos que precisamos avançar no sentido de conviver com as várias opiniões, entendendo que, em alguns aspectos, certas questões são apenas posicionamentos, pois, estes não vão nos impedir de vivenciarmos as nossas vidas do modo que desejamos. E aqui recordamos do professor Dr. Mario Sérgio Cortella que já afirmou em muitas de suas palestras que “desejos não são direitos”. E que tenhamos ponderação em nossas atitudes, sabedoria ao comunicarmos aquilo que acreditamos, bom senso no modo como pretendemos conduzir as nossas vidas, e que possamos respeitar e conviver com a diversidade.

Referências Bibliográficas

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda, 2007.

DIAS, Zwinglio Mota (Org.). **Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

MAGNANI, Gustavo. **Ovelha: memórias de um pastor gay**. São Paulo: Geração Editorial, 2015.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. **Cem Anos de Solidão**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir**. A Inserção do Protestantismo no Brasil. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.



MUSSKOPF, André S. e STROHER, Marga J. **Corporeidade, Etnia e Masculinidade: Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião.** São Leopoldo: Sinodal, 2005.

OLIVEIRA, Marcos Davi de. **A religião mais negra do Brasil: por que os negros fazem uma opção pelo pentecostalismo?** 1 ed. atual. Viçosa, MG: Ultimato, 2015.

SANTOS. João Marcos Leitão. **Religião, a Herança das Diversidades de Crer.** Campina Grande: EDUFCEG, 2013.

FONTES NA INTERNET

Em Foco: Ovelha - Memórias de um pastor gay

Canal: Unipar Universidade Paranaense

<https://www.youtube.com/watch?v=hV1GmMGgDF4>

Ovelha: Memórias de um pastor gay - 30:MIN #094 | LITERATORTURA

Canal: literotortura.

<https://www.youtube.com/watch?v=j-h4g2aYaVE>

